

**SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO 40º
ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 25 DE ABRIL
DE 1974**

Exmo Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Exmo Senhor Presidente da Câmara Municipal de
Alcochete

Exmas e Exmos Senhores Vereadores

Exmas e Exmos Senhores Deputados Municipais

Exmos Senhores Presidentes de Juntas de
Freguesia e restantes autarcas

Caros Convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores

É num contexto social, económico e financeiro marcante e decisivo para o país que assinalamos o 40º aniversário do 25 de Abril de 1974, recordando esta data histórica por dever cívico, por ter sido derrubado um regime ditatorial, com a conseqüente restauração dos direitos, liberdades e garantias de todos os cidadãos, e não um “regime fascista”, como por vezes é referido, de modo impreciso, pouco rigoroso e mesmo demagógico.

Se é certo que a revolução nasceu de um descontentamento profundo, generalizado e transversal a toda a sociedade, é igualmente certo que no período imediatamente posterior surgiram dúvidas e divisões, tendo-se assistido a diversos excessos, somente travados pelo 25 de Novembro de 1975, que a consolidou e que impediu que

Portugal resvalasse numa deriva totalitária, de sinal completamente oposto ao do regime que acabava de ser deposto.

Dos excessos cometidos, é impossível não destacar, pelas consequências nefastas que daí advieram, a desnecessária divisão social e irresponsabilidade económica, que atrasaram por vários anos o processo de verdadeira abertura, modernização e democratização do nosso País.

Porém, e 4 décadas depois, cumpre-nos assinalar, isso sim, a vida em Liberdade e Democracia, bens complexos, mas absolutos e dos quais não podemos nem queremos abrir mão.

Esta liberdade, de que somos depositários, e que corresponde a um valor supremo, mas dinâmico e permanente, não serve, contudo, para ser usufruída apenas por aqueles que fizeram o 25 de Abril, mas por todos os portugueses, quer os que dela foram contemporâneos, quer os que a ela lhe sucederam e ainda os que sucederão.

Deve cada geração fazer uso desta liberdade, conquistada há 40 anos, mas que deverá responder ao seu tempo, sem dogmas e preconceitos do passado que muitos insistem em manter presentes.

Temos já, desde o 25 de Abril, quase tanto tempo de Democracia como tivemos de Ditadura, e vivemos num país e num mundo seguramente diferente do dos anos 70, e isto porque a Esquerda e a Direita de

2014 não podem pensar como pensavam há 40 anos atrás, não sendo legítimo nem tão pouco sério aderir e preconizar os termos e temas da discussão política de então, pois a liberdade, por natureza e por definição, não tem proprietários, e a Democracia, por razão de ser, não é propriedade nem da Esquerda nem da Direita.

O 25 de Abril tem protagonistas, mas não tem proprietários, e as memórias que dele resultam não devem ser manipuladas. Fez-se para todos e não para o pensamento único.

Quem desilude e ofende, na discussão política e na crítica às opções do presente, usando a liberdade que lhe foi legada, desrespeita este mesmo direito, que é seu e de todos, diminuindo desta forma o alcance da sua própria conquista, evidenciando uma soberba intelectual, cultural e geracional que é, ela sim, a negação da liberdade alcançada com a Democracia.

Quem legitima a nossa presença aqui, hoje, é o Povo português, soberano na sua escolha, e não uma associação ou um político em especial, pois tal como há 40 anos atrás, também hoje vivemos tempos de mudança, que devem ser de convergência e de consensos. Os nossos adversários não estão na Esquerda nem na Direita, mas nos factores que nos conduziram e nos mantêm em crise.

É tempo de continuar a encontrar soluções, de transmitir esperança, de criar mais oportunidades, de fazer um balanço das ideias dos últimos 40 anos, o que não significa querer voltar ao passado, mas sim, querer responder ao presente e prosseguir na construção do futuro.

Vivemos num país em que, e pese embora a presença de sinais de recuperação, a iniciativa económica e o emprego estão ainda em crise, e o Estado, sob ajuda financeira externa, com a consequente diminuição da soberania das nossas instituições, portanto, da nossa liberdade enquanto nação independente, carece, ainda de reorganização, bem como uma mais eficiente hierarquização das suas prioridades e a sua relação com a sociedade.

Este período de emergência deverá servir para dotarmos Portugal de um Estado mais eficaz, com maior justiça, menos refém dos interesses de grupos específicos, que deve direccionar o seu foco para o eficiente funcionamento da economia, mais do que para a sua condução, bem servindo um país mais empenhado em produzir riqueza, controlando de forma eficiente os seus gastos.

Vivemos um período em que os portugueses atravessam grandes dificuldades, que não podemos ignorar e disfarçar, e que temos de assumir como sendo de todos nós.

Somos e sempre fomos um povo que encara olhos nos olhos a adversidade, e que sempre encontrou oportunidades em tempos adversos utilizando essas mesmas condições para liderar mudanças no exterior, que se fundou como nação e que traçou novos rumos.

Está agora na hora de nos reencontrarmos com esta nossa capacidade histórica de nos relacionarmos uns com os outros, que nos é tão intrínseca, para juntos ultrapassar dificuldades que nos constroem de modo comum e de assumir a nossa posição privilegiada de interlocutores de povos, porque a história destes 40 anos serviu igualmente para demonstrar como fomos capazes de dissipar os preconceitos mútuos que há 4 décadas nos pareciam inultrapassáveis, depois do sempre complexo e difícil processo de independência e descolonização.

Entre Portugal e os países que antes foram suas colónias, não há, actualmente, qualquer outro tipo de relação que não seja a estabelecida entre nações soberanas e independentes, assim como inexistem impedimentos de qualquer ordem, sejam políticos, ideológicos ou psicológicos ao reconhecimento de uma história conjunta e uma memória partilhada.

Os desafios de Portugal serão sempre suportados por todos, conscientes da sua exigência e que o esforço a fazer é pedido a todos, na certeza que as vantagens serão também repartidas por todos. Assim cada um saiba como contribuir para enfrentar

os obstáculos que nos se deparam. Urge, desta forma, continuar a convocar e mobilizar os portugueses para um projecto comum, tirando o maior partido das nossas particularidades, sem esquecer que fazemos parte de um mundo global.

Portugal tem de se fazer representar naquilo que tem de melhor, valorizando o seu ADN, conservando a sua identidade, sem deixar de criar uma marca externa de dinamismo, impondo-se como um país de gente empreendedora, sem medo de falhar, sem complexos de qualquer ordem, com os olhos postos no futuro, no esforço, no rigor e no trabalho, pois a nossa solidariedade sempre uniu, a nossa coragem sempre nos incitou, a nossa índole fará com que Portugal se renove.

Viva a Democracia!

Viva Alcochete!

Viva Portugal!

Alcochete, 25 de Abril de 2014

Bancada do CDS-PP
Patrícia Pinto Figueira